

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

LEITURA: UM ESPAÇO DE LIBERTAÇÃO OU DE DOMINAÇÃO

DOLORES APARECIDA DA COSTA RODRIGUES



PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

51142:316
R6962
Ex 1
C92569764

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

LEITURA: UM ESPAÇO DE LIBERTAÇÃO OU DE DOMINAÇÃO

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de
Pontes e Lacerda como requisito final para
a obtenção do grau de Licenciada em
Letras.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Tereza Pazos da Silva

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

A meus pais, Josafá Dias da Costa e Edna Santos Garcia da Costa, irmãos: Cecília, Randêl César, Manoel, Israel e Izael, em especial aos meus filhos: Júlio César Costa Rodrigues e Jéssica Costa Rodrigues e meu esposo Orcelino Oliveira Rodrigues. Meu profundo reconhecimento e carinho pelo apoio que me deram, sabendo valorizar e compreender o meu elevado esforço e persistência, dispensando-me do convívio mútuo, para que pudesse cumprir com meus deveres, e, assim contribuíram para mais um degrau na minha vida.

Agradeço a Deus, por permitir e me ajudar a dar mais um passo na escola institucionalizada.

Especialmente à minha mãe, por ajudar-me a cuidar dos meus filhos sem obstáculos.

Aos colegas que trilharam comigo os caminhos do conhecimento.

A todos os professores e especialmente aos professores Hêlvio, Carmem Zirr, Edna, Marinei e Tereza Pazos da Silva; que contribuíram para o meu bom êxito, compartilhando das minhas idéias, incentivando-me a prosseguir na jornada e enfrentar obstáculos, dedico a minha conquista com mais sinceros e indescritíveis agradecimentos.

*EP "A LEITURA DO MUNDO PRECEDE
SEMPRE A LEITURA DA PALAVRA E A LEITURA
DESTA IMPLICA A CONTINUIDADE DA
LEITURA DAQUELE"*

PAULO FREIRE

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
Quadro teórico.....	10
Ler na escola.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
BIBLIOGRAFIA.....	25

INTRODUÇÃO

Por entendermos que a maioria dos problemas encontrados na educação escolar, especificamente nos alunos que em sua maioria, chegam até o terceiro grau, são problemas provenientes das dificuldades com a leitura, dificuldades estas que não se limitam ao problema da decodificação apenas, mas extrapolam este limite pois estão relacionadas à leitura de mundo, optamos neste trabalho por compreender como se dá o trabalho com a leitura em alunos adultos de séries iniciais em uma escola pública de Pontes e Lacerda.

Com isso desejamos enfatizar a importância da leitura enquanto processo que permite a reflexão dos diferentes sujeitos quanto a si mesmos e seu lugar no mundo e também seu papel na sociedade.

O *corpus* que dará sustentação ao presente trabalho originou-se de pesquisas de campo realizadas, em uma sala de aula de adultos, multisseriada de primeira a quarta série do ensino fundamental, na escola “Vale do Guaporé”. Os dados coletados se originam de observação direta participante.

A professora da sala de aula a qual eu fiz a pesquisa de campo é formada em Pedagogia, atualmente está fazendo pós-graduação em Psicopedagogia e desenvolvendo um projeto que tem como título “Família na Escola”.

Os alunos matriculados são cerca de vinte e cinco, todos de uma faixa etária avançada.

Na escola há, no período matutino, oito turmas no ensino fundamental. No período vespertino, há nove turmas no ensino fundamental e uma turma no ensino médio. Já no período noturno, são quatorze turmas, sendo nove no ensino fundamental e cinco no ensino médio. Também esta tendo cursinhos como: PCNS, ESCOLA CICLADA e estão em projeto os seguintes cursinhos: ACELERAÇÃO, CONSCIÊNCIA FISCAL e CONFECÇÕES de MATERIAIS PEDAGÓGICOS.

Portanto, esta pesquisa nos mostrará, que há uma variedade de concepções de leitura, dentre elas, vamos priorizar não só a leitura, da palavra que sem a decodificação e a fusão de significados com significantes, torna-se estéril e sem motivação, mas também a leitura de mundo, que é fundamental para a criticidade do sujeito-leitor, sendo ela a grande armadura para vivermos numa sociedade capitalista como a nossa, em que o seu funcionamento se dá através daqueles que detém o poder econômico e outros obedeçam por não tê-lo.

Partindo dessa concepção, em que vivemos em uma sociedade dividida em classes e que os educandos provêm dessa sociedade multicultural com uma diversidade de famílias, culturas, raças e línguas.

Faremos um paralelo entre dois tipos de pedagogia: a pedagogia dos dominantes, na qual a educação existe como prática da dominação, e a pedagogia do

oprimido, em que o esforço totalizador da práxis humana busca, na interioridade desta, retotalizar-se como prática da liberdade.

A pedagogia do dominante é centralizada em uma concepção “bancária”, pois, para o “educador bancário” a pergunta é a respeito do programa sobre o qual dissertará a seus alunos. E a esta pergunta responderá ele mesmo, organizando seu programa. Já a concepção problematizadora que contrapõe a concepção “bancária”, a sua dialogicidade começa, quando o educador se pergunta em torno do que vai dialogar com os educandos. E esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo, já é o conteúdo programático da educação. Para análise da pesquisa tomaremos como referência alguns pressupostos teóricos de autores que discutem a leitura tais como FREIRE (2001), ORLANDI (1993), CAGLIARI (1995), PINTO (2000).

QUADRO TEÓRICO

Podemos destacar que há uma variedade de teorias sobre leitura. Devido a essa pluralidade e a complexidade de inúmeras ideologias sobre a temática, iremos, neste ensaio monográfico, abordar o processo da leitura, em sujeitos adultos, a partir da visão de teóricos que acreditam que a leitura de mundo é fundamental na formação da criticidade e da historicidade atemporal do sujeito leitor.

O presente trabalho de pesquisa terá embasamento em autores como: Luiz Carlos Cagliari, Paulo Freire, Álvaro Vieira Pinto e outros teóricos que serão mencionados no decorrer deste.

Começemos por delinear a concepção de leitura de Paulo Freire que diz que “O problema que se coloca não é o da leitura da palavras mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra” (FREIRE,1997:31).

Abordando a leitura na mesma concepção do parágrafo anterior, Cagliari relata que “A leitura do mundo é obviamente uma metáfora, mas nem por isso deixa de ser algo tão importante para cada um quanto a própria filosofia de vida” (CAGLIARI,1995:150).

Vejamos agora a polissemia da visão de leitura na concepção da autora Eni Pulcinelli Orlandi:

“Leitura, vista em sua acepção mais ampla, pode ser entendida como “atribuição de sentidos” Por outro lado, pode significar “concepção”, e é nesse sentido que é usada quando se diz “leitura de mundo”. No sentido mais restrito, acadêmico, “leitura” pode significar a construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto. Em um sentido ainda

mais restritivo, em termos agora de escolaridade, pode-se vincular leitura à alfabetização (aprender a ler e escrever) e leitura pode adquirir então o caráter de estrita aprendizagem formal”.

(ORLANDI, 1993:7)

Observando as citações acima, podemos salientar que a concepção de leitura que priorizamos é a leitura de mundo ou experiência de vida, que é muito mais ampla do que a mera habilidade mecânica de decodificação das letras.

E, fazendo uma analogia desta leitura que priorizamos com a leitura de sujeitos adultos, veremos várias pontos em comum, pois o adulto mesmo aquele dito “analfabeto” pela categoria “letrada” já tem essa leitura de mundo. Porque, há transmissão do saber pela prática social, pela via oral, pela própria experiência individual e pela cultura.

A leitura no plano profundo conforme a visão da autora citada nos leva à compreensão de que “A leitura, (...) não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade” (ORLANDI, 1993:9).

Com base nessas concepções, é que fundamentaremos o presente ensaio monográfico. Nos sustentaremos no posicionamento de Paulo Freire ao mesmo tempo em que faremos referência à ORLANDI por entendermos que a produção de sentidos está obrigatoriamente vinculada à leitura de mundo.

Em seu livro, *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987) parte do princípio de que vivemos em uma sociedade dividida em classes, na qual os privilégios de uns impedem a maioria de desfrutar os bens produzidos.

E um desses bens necessários é a educação escolar, da qual grande parte da

população do Terceiro Mundo é excluída. Com base neste pressuposto Freire se refere a dois tipos de pedagogia: a pedagogia dos dominantes, aonde a educação existe como prática da dominação e a pedagogia dos dominados onde a educação deve surgir como prática da liberdade da classe oprimida que é a maioria. E essa libertação deve partir dos próprios oprimidos, cuja pedagogia deve ser “aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade” (FREIRE, 1991:32).

A pedagogia dominante, está baseada em uma concepção “bancária”, centrada no domínio da narração.

Segundo ele, “a narração, onde o educador é o senhor do saber, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. (...) Em lugar de comunicar-se o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los”.

(FREIRE, 1987:58)

Essa concepção “bancária” reflete uma prática verbalista, voltada para coisas abstratas. O professor “deposita” o saber e o “saca” através de exames, sendo os educandos comparados com recipientes que vão sendo enchidos de conhecimentos, porque na visão “bancária” da educação, o conhecimento é um presente dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.

Em contraposição a esta concepção Freire nos mostra outro modo pelo qual podemos compreender a educação, que é a concepção problematizadora, que ao contrário da primeira, baseia-se em outra compreensão da consciência e do mundo.

Esta concepção, parte da superação da alienação da classe dominada em relação às elites dominantes, pois somente uma educação problematizadora e libertadora, supera essa concepção de que os educandos são meros recipiente e os vê como sujeitos com atos cognoscentes e senhores do seu saber

Podemos comparar essa concepção problematizadora, com características típicas do materialismo histórico. Porque este, é uma filosofia da prática, da ação transformadora da natureza, do homem e da sociedade. É uma ciência que não só é exclusividade da classe proletária, mas pertencente a toda humanidade progressista, pois ela pode fornecer a todos os homens, de qualquer especialidade, uma teoria científica que lhes consente conhecer as leis mais específicas da natureza, do homem, da sociedade e do pensamento, conhecimento imprescindível para quem pretende transformar as coisas.

A partir deste paradigma, podemos voltar a concepção problematizadora e vemos que conhecimento não pode ser um “presente” do educador ao educando, de forma vertical, mas, deve constituir-se um processo de construção de conhecimentos a partir de uma realidade que entrelaça educador, educando e mundo.

Nessa concepção de educação que busca a autenticidade, é ultrapassada a relação de verticalidade entre educador e educando e em seu lugar surge a relação de dialogismo.

Isso porque o diálogo supõe troca, prevê educadores que educam com paixão, com consciência crítica, preocupados com a possibilidade de provocar mudanças na concepção dos educandos.

“Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que,

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que na prática “bancária”, são possuído pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos”.

(FREIRE, 1987: 68-69)

O conhecimento derivado desse processo é crítico porque desperta nos educandos curiosidade de desvendar a realidade que os cerca, de se descobrirem como sujeitos históricos, “como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada” (FREIRE, 1987).

Retornando a ORLANDI, vimos que a autora supra citada concebe leitura a partir da historicidade e é, portanto um processo complexo.

Podemos constatar portanto, que a leitura é uma questão lingüística, pedagógica e social ao mesmo tempo. Podemos construir várias histórias de leitura, pois um texto lido hoje tem um sentido e lido futuramente terá outro sentido. Os slogans feitos pelos políticos têm uma leitura diferenciada da leitura do seu eleitorado. Isso nos mostra que a leitura é um processo complexo e que envolve muito mais do que a simples habilidade de compreensão superficial de um texto. Exige consciência crítica dos educandos, pois a preocupação da pedagogia posta aqui é aprender a ler nas desigualdades do capitalismo, os caminhos que possam levar á alteração dessa mesma sociedade.

LER NA ESCOLA

Podemos considerar a educação escolar no que diz respeito aos sujeitos nela envolvidos, num sentido amplo, pois refere-se não só à fase de escolaridade infantil mas também pré-adolescente, adolescente, chegando até a fase adulta uma vez que nem todos tiveram acesso à escolaridade nas datas e períodos previstos em Lei.

Em qualquer dessas fases, no entanto, há uma interferência forte da escola no modo como o homem se faz homem, interferindo em suas relações com a realidade. Podemos dizer que a educação é um processo histórico criado pelo homem, voltado para a vida em sociedade, processo este que busca a modificação da referida sociedade para benefício do homem embora, nem sempre este objetivo seja alcançado.

Partindo dessa concepção quanto ao papel da escola buscaremos uma compreensão de como se dá o trabalho com a leitura com sujeitos adultos em uma escola pública de Pontes e Lacerda, onde pude participar ativamente, com a professora A, dos trabalhos desenvolvidos em uma sala multisseriada de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Nosso objetivo é compreender como o professor trabalha a leitura mais especificamente queremos saber se o professor trabalha com a leitura enquanto decodificação de sinais gráficos ou se a leitura é trabalhada num sentido mais amplo levando em consideração a leitura de mundo dos sujeitos envolvidos e ao mesmo tempo atribuindo sentidos e significados ao ato de ler e concomitantemente às questões que emergem no dia a dia de sala de aula., questões estas que podem ser

vistas com diferentes olhares dependendo do modo como se dá a compreensão das relações sociais estabelecidas que tanto podem ser de dominação quanto de negação desta.

As observações feitas no decorrer das aulas permitiram ver que a professora a maior parte do tempo trabalha os diferentes temas abordados em sala de aula de uma forma dinâmica, crítica e sempre contextualizada, isto é, ligada à realidade do aluno. Ela procura incentivar a participação dos alunos com assuntos ligados a questões sociais que se fazem presentes na vida dos mesmos. Isto faz com que os alunos tenham posições críticas em relação a sua própria vida em sociedade. Tomemos como exemplo a aluna A, que após a leitura de um texto que discutia as questões inerentes ao trabalho disse: “Eu levanto de madrugada para trabalhar, ganho apenas um salário mínimo e ao final do mês o patrão ainda fica me enrolando pra pagar, diz que tem energia pra pagar, mercado e tudo mais, e eu fico sem comer?” E a aluna B, complementou, “Eu ganho só um salário mínimo, mas no final do mês se o patrão me enrolar prá pagar, eu saio do emprego e arrumo outro.”

Isto nos mostra que a partir do momento que a professora consegue a participação crítica dos alunos, essa aula cria significado para eles permitindo-lhes expressar livremente suas opiniões e, desse modo, construindo sua leitura acerca do mundo.

Em nossa concepção não há como o professor proporcionar uma leitura crítica do mundo, sem estar a par da realidade social dos alunos, porque se assim for acabará por cair na pura abstração, em palavras ocas, sem sentido e desprovidas de significado para os alunos. Ler não é simplesmente decodificar palavras ou

converter letras em sons, mas sim, um ato que faz inferências no mundo a partir do contexto e dos conhecimentos prévios que possuem os alunos.

Ler por este prisma é compreender que a educação escolar não consiste apenas na transmissão de conhecimentos, tampouco é constituída somente pela matéria do ensino. Ler é um processo que incorpora uma totalidade de condições objetivas e subjetivas que pertencem ao corpo educacional. Sendo assim, são parte do conteúdo da educação: o professor, o aluno, suas concepções, seus valores, as condições locais da escola, materiais e livros didáticos dentre outras coisas.

Na escola, onde a presente pesquisa foi desenvolvida, observamos que o professor é um educador, porque constrói conhecimentos a partir de uma dada realidade que entrelaça professor – aluno - sociedade. Isso é fácil de perceber pelo fato de que os temas trabalhados têm relações estreitas com a realidade dos alunos, possibilitando aos mesmos a busca, a aprendizagem, a construção do novo, criando assim condições reais de modificar a realidade excludente em que vivem. Pudemos constatar isso nos temas trabalhados onde a professora sempre estabelecia ligações entre o que era lido e a vida e a realidade dos alunos.

De modo geral todos os alunos participavam da discussão, mesmo aqueles que estavam em processo inicial de sua vida escolar e que, portanto, estavam no início da alfabetização propriamente dita.

Para Pinto (2000) o espaço de alfabetização que confunde-se com o processo de construção de significados para as coisas do mundo ou seja com a leitura que se faz deste, no que tange à educação de adultos deve partir sempre de um exame crítico da realidade existencial dos educandos e principalmente da identificação das origens

de seus problemas e das possibilidades de superá-los. Alfabetizar, como podemos perceber na citação abaixo, é considerar que:

“O adulto analfabeto é em verdade um homem culto, no sentido objetivo (não idealista do conceito de cultura, posto que se não fosse assim, não poderia sobreviver. Sua instrução formal (alfabetização, escolarização) tem que se fazer sempre partindo da base cultural que possui e que reflita o estado de desconhecimento (material e cultural) da sociedade à qual pertence.”

(PINTO, 1909:63)

No âmbito das discussões sobre os problemas todos os alunos participam mas, quando o problema é a decodificação percebi, nos alunos da turma de adultos observada que estes têm posturas diversificadas em relação a si mesmos. Alguns dos alunos que não decodificam, julgam-se menores em relação aos demais por não decifrarem os sinais gráficos. Porém isso não impossibilita a professora de "ler o mundo" com estes alunos.

Embora alfabetizar não seja tarefa fácil. “Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a” (FREIRE, 2001:10). E um bom modo de fazê-lo é proporcionar um rico espaço de questionamento aos alunos quanto a si mesmos e seu lugar no mundo. E foi isto que a professora proporcionou a seus alunos.

Cabe ao educador que tem uma consciência crítica, intervir e despertar no educando, a consciência de que ele é um ser pensante, portador de idéias e com alta capacidade intelectual, que se revela naturalmente em sua conversação, em sua crítica aos fatos, em sua prática oral. Como podemos constatar:

“O educador adulto é antes de tudo um membro atuante da sociedade. Não apenas por ser um trabalhador, e sim pelo conjunto de ações que exerce sobre um círculo de existência. O adulto analfabeto é um elemento freqüentemente de alta influência na comunidade. Por isso é que se faz tão imperioso e lucrativo instruí-lo”.

(PINTO, 1909)

Instruir alunos adultos requer condições adequadas e minimamente respeitadas. A sala de aula onde realizei a pesquisa de campo, acolhe cerca de vinte e cinco alunos matriculados, todos de uma faixa etária avançada. Suas condições de trabalho não são satisfatórias, pois estes alunos estudam numa sala improvisada, no refeitório da escola, isto porque as demais salas de aula são ocupadas pelas outras séries existentes. Tal situação demonstra um descaso com a educação de adultos que se confronta com o empenho da professora cujo trabalho caminha no sentido de valorizar e respeitar seus alunos.

Uma mostra dessa desconsideração está relacionada aos livros didáticos trabalhados nesta turma. São livros enviados às séries regulares que a professora se obriga a utilizar, para complementar os estudos de seus alunos. Tais livros são elaborados em grandes editoras e não levam em consideração a realidade dos alunos e em especial de alunos adultos que não tiveram acesso à escolaridade em tempo hábil. Talvez por isso a professora prefira trabalhar temas mais polêmicos e que exijam uma leitura mais crítica diretamente com os alunos sem a utilização freqüente do livro didático.

O uso exacerbado destes livros deve ser evitado pois sobretudo as cartilhas que são usadas na educação escolar e especificamente na alfabetização de adultos, por melhores que sejam, na visão metodológica ou sociológica, não escapam a

alguns deslizes, pois são os instrumentos por onde os educadores, na maioria das vezes, depositam as palavras e textos nos alfabetizandos, limitando o poder de expressão, de criatividade, sendo instrumento de domesticação.“ Atualmente, na maioria dos casos a leitura ideal do professor está amarrada àquilo que é oferecido pelo livro didático. (...) O professor orienta-se por aquilo que é fornecido, pronto – a - mão, no livro de respostas do livro didático adotado” (ORLANDI, 1993).

Ainda para a autora supra citada, mesmo quando as palavras e textos elaborados nos livros, algumas vezes, coincidem com a realidade existencial dos alfabetizandos, são palavras e textos apresentados, dados por alguém e não pensados pelos próprios alunos e, portanto são apenas imagens da realidade. Conforme nos diz Freire.

“Que significação, na verdade, podem ter, para homens e mulheres, camponeses ou urbanos, que passam um dia duro de trabalho ou, mais duro ainda, sem trabalho, textos como estes, que devem ser memorizados: “A asa é da ave”; “Eva viu a uva”; “João já sabe ler”. Vejam a alegria em sua face. João agora vai conseguir um emprego”!

(FREIRE, 2001: 17).

Textos, na maioria das vezes, com famílias perfeitas, casas de moradia, criança bem nutridas, dizendo adeus aos pais para ir a escola, depois de um suculento café da manhã ou um farto almoço com certeza não representam a realidade de alunos como estes dos quais falamos.

Isso ressalta a importância da professora quando esta, fugindo ao livro didático, trabalha com as questões dos próprios alunos, temas do seu dia a dia, de sua realidade. Que podem alunos adultos retirar de positivo para reagirem perante o

mundo, para compreender, criticamente, a situação real de opressão, de frases soltas em que se lhes diz, suavemente, que a “asa é da ave” ou que “Eva viu a uva”? Na cartilha “Linguagem Viva” das autoras Cláudia Miranda e Maria Luiza Delage Rodrigues, apare um texto através de fotos, para a memorização da grafia F. Mostrando uma família perfeita, dentro dos padrões ideológicos, pois contém pai, mãe, filhos e moradia. No entanto, dentre as pessoas que ali estavam e das pessoas que se manifestaram duas não tinham a família perfeita representada pela mesma.

Isso nos mostra que apesar de a professora ter de usar livros formulados para alunos de outras faixas etárias ela dá destaque aos aspectos que permitem aos seus alunos colocarem-se como sujeitos de sua aprendizagem. Um exemplo disso é a cartilha “Língua Portuguesa com certeza”! das autoras Julia Fraga e Norma Benjamim, utilizada pela professora.

A cartilha supra citada é uma cartilha dinâmica, pois trabalha a leitura como uma questão central na constituição do sujeito. Sugere a produção de textos a partir dos nomes dos alunos, observando fotos. Trabalha também com uma diversidade de textos como: textos informativos, poéticos, músicas, contos tradicionais, contos modernos, histórias em quadrinhos, anúncios, adivinhações, fábulas proporcionando aos alunos uma leitura rica em reflexão, troca de idéias e experiências, a fim de propiciar-lhes a percepção de diferentes aspectos da realidade.

Mediante as questões relacionadas à leitura e principalmente leitura de adultos, podemos finalizar este trabalho, priorizando não uma concepção ingênua da ação educativa que vê o analfabetismo como uma patologia que impede a leitura por outras vias, que não a palavra quase sempre sem relação com o mundo e com as

coisas que nomeia, pois suas ações não coincidem com o real, ficando no abstrato, mas, priorizando a concepção crítica, pois ela é a antítese da concepção ingênua.

Esta forma de conceber o trabalho educativo é a única capaz de conduzir a mudanças da situação do homem e da realidade à qual pertence pois vê o analfabeto como um homem culto, no sentido não idealista do conceito de cultural. Assim sua alfabetização tem que se fazer sempre partindo da base cultural que possui e torná-lo capaz de refletir sobre si mesmo, sua vida e sobre a sociedade em que vive sendo capaz de intervir nela se necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a leitura é algo primordial na vida das pessoas, pois é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão e também nos fornece a matéria-prima para a escrita e as interpretações do dia-a-dia. E esta requer esforço, criatividade, principalmente, considerando a leitura em sujeitos adultos, como foi feito nesta pesquisa.

E dando ênfase ao paradigma da leitura, podemos ver que o ato de ler não pode ser interpretado somente como decodificação daquilo que está escrito, desta forma, saber ler resultava num conhecimento restrito a memorização do grafismo.

Portanto, o conceito de leitura que questionaremos é muito mais amplo do que mera habilidades mecânicas. É a leitura de mundo que engloba nosso relacionamento com a realidade e a forma como pensamos essa realidade e esse relacionamento.

A sociedade a qual fazemos parte é multicultural, desde mínimos rituais a complexos conhecimentos científicos e técnicos. E dessa multiculturalidade fazem parte valores e idéias, e a leitura de mundo, ajuda-nos a pensar sobre eles, desenvolvendo uma postura crítica e própria.

É na turma que eu fiz a pesquisa de campo, pude observar que a leitura é feita de forma diversificada, pois a professora trabalha a leitura com seus alunos, não apenas com livros didáticos, mas também oferece-lhes os textos do mundo.

No entanto, esta fusão do livro didático com textos do mundo, é de suma importância para se formar bons leitores. Porque, com o livro didático pode até

ensinar a ler, mas se não houve um trabalho com uma diversidade de textos e contextualizando com o mundo, com certeza, não formação leitores competentes.

Portanto, a educação escolar deve lidar com a leitura, com a finalidade desta ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, será a fonte perene de educação, com ou sem escola.

BIBLIOGRAFIA

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 8 ed. , São Paulo: Scipione, 1995.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**. 9 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 19 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que completam**. 35. Ed., São Paulo: Cortez, 1997.

MARTINS, Maria Helena . **O que é leitura**. 19 ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 4 ed., São Paulo: Campinas, Cortez, 1999.

PCNs– Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa: **Ensino de Primeira à Quarta série**, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília, 1997.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2000.